

SÓCIOS-TORCEDORES *VERSUS* TORCIDAS ORGANIZADAS? DISPUTAS SIMBÓLICAS E REPRESENTAÇÕES COLETIVAS DO TORCER NO FUTEBOL DO RIO DE JANEIRO

Jimmy Medeiros¹

Bernardo Borges Buarque de Hollanda²

Resumo: O presente artigo busca contribuir com a atualização em torno das “disputas simbólicas pelos significados do torcer” no futebol brasileiro contemporâneo. O contexto de transformações estruturais do futebol de espetáculo das últimas décadas teve, como pedra de toque, a conversão dos estádios em arenas e a criação de processos de fidelização dos espectadores identificados com o pertencimento clubístico e com a frequência aos jogos. Programas intitulados Sócio-Torcedor, criados nos últimos quinze anos e implantados de forma progressiva entre os seguidores dos clubes profissionais de alto rendimento, vinculados às séries A e B do Campeonato Brasileiro organizado pela CBF, são uma das facetas das mudanças em curso. Para melhor compreender esse universo e as diferenças internas no espectro do clubismo, conduziu-se um survey, com vistas a aferir as percepções desse novo segmento de torcedores, em face dos grupos associativos estabelecidos, como as torcidas organizadas. Procurou-se levantar representações coletivas desses frequentadores de estádios em face dos comportamentos protagonizados pelos torcedores organizados no cotidiano do futebol. Com a análise dos dados, dispostas sob a forma de gráficos e dados estatísticos, chegou-se a uma visão mais matizada e menos maniqueísta das torcidas organizadas, quando comparadas aos estigmas recorrentes atribuídos na imprensa esportiva. A ausência de maniqueísmo permite perceber que, se por um lado, há um conjunto de condutas transgressivas condenadas pelos sócios-torcedores, a fazer ecoar a recorrência da pauta midiática-policia-penal, não deixa de haver percepções valoradas positivamente, que reconhecem o papel desempenhado por diferentes coletividades de torcedores organizados na ambiência dos estádios.

Palavras-chave: Futebol; Torcidas organizadas; Sócios-torcedores; Arenas.

¹ Pesquisador do CPDOC - FGV e professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Ciências Sociais da FGV. Email: jimmy.d.med@gmail.com

² É professor adjunto da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC. Emailbernardobuarque@gmail.com

Member-fans versus supporters associations? Symbolic disputes and collective representations of cheering in Rio de Janeiro soccer

Abstract: This article seeks to contribute to the update regarding “symbolic disputes for the meanings of cheering” in contemporary Brazilian soccer. In recent decades, the context of structural transformations of soccer-for-show was guided by the conversion of stadiums into arenas and the creation of loyalty processes of spectators according to club membership and attendance frequency to matches. One of the ongoing changes are programs entitled member-fan, created over the last fifteen years and progressively implemented among the followers of professional high-performance clubs linked to series A and B of the Brazilian Championship organized by the CBF. To better understand this universe and the internal differences in the spectrum of factionalism, a quantitative poll was conducted to assess the perceptions of this new segment of fans compared to the established associative groups, known in Brazil as organized supporters. By analyzing the socioeconomic profile of hundreds of member-fans, we aimed to survey collective representations of these stadium goers considering fan behaviors in soccer. After surveying the information, arranged in graphs and statistical data, we found a more nuanced and less Manichean view of the supporters associations compared to the recurrent stigmas attributed by sports press. The absence of Manichaeism allows understanding that, though member-fans condemn several transgressive conducts, echoing the recurrent media agenda, positive perceptions recognize the role played by different collectivities of supporters associations in stadiums.

Keywords: Soccer; Supporters associations; Member-fans; Arenas.

Introdução

Em breve, estaremos em vias de completar uma década de realização da Copa do Mundo de 2014 e, em sua esteira, dez anos consecutivos à chamada “década esportiva” no Brasil (2007-2016). Conforme se sabe, os megaeventos foram vistos pelas autoridades governamentais e esportivas como uma oportunidade extraordinária para o provimento de uma infraestrutura capaz de modernizar os equipamentos, bem como para criar espaços para a prática dos esportes no país, em especial o futebol de alto rendimento. Se muito foi produzido na Academia ao longo do período acerca dos preparativos do Mundial e dos Jogos Olímpicos Rio 2016, relativamente pouco foi feito depois desses eventos (Marques; Rocco, 2018),

no intuito de aferir os impactos e o suposto legado de tais competições internacionais aos praticantes e assistentes brasileiros.

De nossa parte, procuramos em outras ocasiões contribuir com essa avaliação *a posteriori*, por meio de pesquisas portadoras de indicadores quantitativos, quer seja do público frequentador de estádios em São Paulo (MEDEIROS, HOLLANDA, 2021), seja dos moradores do Rio de Janeiro, que avaliaram o legado das Olimpíadas à cidade (HOLLANDA, MEDEIROS, 2020). Em continuidade à metodologia aplicada nessas enquetes, tencionamos no presente artigo focar em uma sondagem acerca da modalidade de espectadores de futebol profissional conhecida como “sócios-torcedores”.

A categoria contempla os frequentadores de estádios que se vinculam aos clubes de sua predileção através de programas de fidelização. Em contrapartida, tais programas lhes permitem facilidades no sistema de aquisição de ingresso e preferências no acesso às partidas de seus times, tanto nos jogos em seu próprio estádio quanto naqueles em que a equipe atua na condição de visitante. O sócio-torcedor difere de outras formas de adesão a uma agremiação esportiva. Posiciona-se entre o associado regular de um clube, que tem o direito de usufruir as dependências e participar da vida social, e o torcedor comum, aquele que é seguidor de um time, mas apenas ocasionalmente vai ao estádio.

A diferença avulta também em relação às torcidas organizadas, destacamento cuja frequência contínua e cujos espaços delimitados na arquibancada implicam em formas diferenciadas de aquisição de ingressos – isso varia de clube a clube –, ainda que possa haver torcedores organizados que sejam também sócios-torcedores ou que tenham tido, compulsoriamente, de aderir ao programa.

Uma das principais tentativas de tipologia dos torcedores de futebol na literatura acadêmica foi consagrada pelo sociólogo escocês Richard Giulianotti (2002), ao propor um modelo quaternário de adesão filial a um clube. Trata-se de quatro tipos-ideais, escandidos sob um crivo por assim dizer “climático” (quente X frio), a que o autor chama de taxonomia: seguidores, torcedores, fãs e *flâneurs*.

Não obstante, tratadas de maneira individualizada, tais categorias não parecem dar conta da dimensão coletiva, grupal e associativa do torcer. A

existência das torcidas organizadas desde os anos 1940 no Brasil, por exemplo, tem-se mostrado um dilema para o futebol contemporâneo como um todo e para a gestão dos clubes, em particular: por um lado, sua presença assídua garante a ambiência festiva dos jogos; por outro a postura gregária fiscalizadora leva as torcidas a exercer mecanismos de pressão, não raro de intimidação verbal e física, sobre jogadores, técnicos e dirigentes, nas fases críticas do time, ou em circunstâncias que atingem e fazem mobilizar uma “economia moral da multidão” (THOMPSON apud ROJAS, 2020).

Isso sem contar a problemática disruptiva e vandálica das rivalidades agonísticas com torcidas de outros clubes, em confrontos que geram uma espécie de “jogo paralelo” nas arquibancadas, com uma atuação por assim dizer antissocial e antidesportiva que se articula a um evento cujo lema oficial paradoxalmente seria o *fair play*. Neste “jogo”, a beligerância e a tensão dentro e fora das praças de esporte, via de regra, dão insumos que abastecem no cotidiano uma pauta negativa sistemática destes agrupamentos perante a opinião pública, maculando a imagem e atribuição de roldão o estigma a suas condutas.

Por sua vez, a fidelização atomizada, mais encaixável no padrão taxonômico de Giulianotti, também é um fenômeno contemporâneo. Foi adotado inicialmente nos anos 1990, dentro do projeto de transformação e de higienização do futebol inglês e, em seguida europeu. Difundiu-se, ato contínuo, em diversas ligas futebolísticas nacionais ao redor do mundo. Trata-se de uma fórmula que se mostra assaz exitosa do ponto de vista mercantil, capaz de garantir previsibilidade na receita dos clubes, porquanto, além das mensalidades regulares, proporciona aos gestores um quórum mínimo para as arenas, retroalimentando a cadeia de consumo em dias de jogos.

Com efeito, isso possibilita a sustentabilidade financeira dos novos espaços, sendo o caso brasileiro do Allianz Parque (MANDELLI, 2019), inaugurado em 2014 e vinculado ao Palmeiras, um dos mais emblemáticos. Se a gestão do equipamento arquitetônico não é mais de sua propriedade, posto que erguido pela empresa privada W Torre, a parceria do clube mostra-se até o momento, e à primeira vista, um *case* de sucesso, com milhares de aderentes e uma frequência média mínima

garantida, exponenciada pelo ciclo virtuoso de títulos estaduais, nacionais e internacionais angariados pela agremiação.

O cotejo entre os dois personagens presentes nas novas arenas, quais sejam, o sócio-torcedor e o torcedor organizado, chama a atenção por seu caráter contrastivo, quando não diametralmente oposto no processo de modernização (ou atualização, para falar com Damo). Enquanto o primeiro pauta-se pela condição individualizada do pertencimento clubístico, próximo ao imaginário de um cliente que age segundo a postura pragmática do benefício próprio, não importa quão altruístico e “autêntico” seja seu comprometimento com o time, os membros das torcidas organizadas conformam o etos de uma coletividade cujo comportamento mostra-se menos regido por lógicas consumeristas individualizantes (TOLEDO, 2011) e mais afeto a padrões comportamentais grupais.

A metáfora do espectador com assento numerado e que assiste à partida sentado *versus* o torcedor organizado que ocupa indistintamente todo um setor em que, apesar das cadeiras, acompanha os jogos em pé, cantando e pulando sem parar, permite situar o contraponto do imaginário aqui em tela.

Nesse sentido, o presente artigo compartilha os resultados de uma enquête feita junto a sócio-torcedores, com o intuito de aferir o modo pelo qual esse perfil emergente de frequentadores das arenas vê o segmento tradicional denominado torcidas organizadas. A disposição arquitetônica dos estádios condiciona distintos espaços para tais agrupamentos, em processos de setorização que, em alguns casos, poder-se-ia chamar de confinamento, pois é projetado para alijar o contato do segmento TO vis-à-vis os demais setores do estádio. Com efeito, isso favorece a contraposição dualística “nós-eles”, a demarcação espacial para a apreciação sobre o “outro” ou, ainda, nos termos sociológicos consagrados por Norbert Elias, uma oposição espacial entre os “estabelecidos” os “outsiders” (ELIAS, SCOTSON, 2000).

Além das interações e da vivência nos dias de jogos, é lícito dizer que as torcidas organizadas conformam uma representação coletiva em torno de si, uma vez que incidentes e confrontos constituem pautam midiáticas que alimentam com certa regularidade o noticiário esportivo e implicam, na atual conjuntura, em uma

“judicialização” de sua existência. De modo até certo ponto paradoxal, é na mesma proporção que a transmissão das partidas vale-se da efervescência desses grupos de torcedores para a difusão das imagens dos estádios, por meio de cânticos, da exibição de seu “patrimônio” material (faixas, bandeiras, instrumentos musicais) e das performances gestuais-corporais, para construir um sentido de “emoção coletiva” associado à excitação vivenciada nos estádios.

A fim de lograr entender as percepções e representações setorizadas de sócio-torcedores vis-à-vis torcedores organizados, o presente artigo estrutura-se em três seções. Na primeira, apresentamos conceituações e definições das disputas simbólicas pelo torcer, isto é, o entendimento nativo do que são torcedores autênticos e a emergência de diferenças e ramificações internas no tocante ao conjunto de espectadores que se convencionou chamar de modo genérico “torcida”.

A segunda seção tem cunho mais pontual e metodológico e procura apresentar os procedimentos adotados para a aplicação de um *survey* a sócio-torcedores, a fim de obter uma apreciação desses acerca das torcidas organizadas. Na terceira e última parte, apresentam-se os resultados da enquete, por meio de sete gráficos, seguidos de comentários às mensurações aferidas.

Por fim, conclui-se o artigo com um balanço das tendências contemporâneas que concorrem junto às alterações gerenciais do futebol de espetáculo, apontando para um gradiente de adesões e resistências que matizam tais posturas. Estas em princípio ou aderem às modificações ou se colocam em franca posição, seja em âmbito discursivo ou prático, ao projeto de mercantilização dos clubes profissionais contemporâneos. Sem embargo, argumentamos, com as evidências a seguir levantadas, que há muito mais entre os dois polos que o senso comum futebolístico tende a fazer crer, mostrando a complexidade e rechaçando as simplificações estereotipadas que as representações atribuem tanto ao sócio-torcedor – apenas um consumidor – quanto ao torcedor organizado – apenas um ser violento.

Dialéticas do jogar e do torcer: uma visada sobre a socialidade torcedora contemporânea

Desde os anos 1990, a obra do antropólogo Luiz Henrique de Toledo constitui-se referência central nos estudos propositores de uma antropologia das práticas esportivas, em que as torcidas organizadas pontificam como ator e ente privilegiado em seu campo de observação etnográfica. Em continuidade a uma etnografia premiada (1996), e a uma tese com lastro teórico e analítico de peso, mediante proposição de um modelo socioantropológico tripartite de abordagem, constante de *Lógicas no futebol* (2002), sucederam-se nos anos 2000 e 2010 ensaios e investidas mais pontuais, mas bastante instigantes, do autor. Sob a forma de capítulos e artigos (2010), as publicações de Toledo foram capazes de multiplicar e de dar concreção e operacionalidade aos conceitos propostos no doutoramento, para analisar mais a fundo a morfologia e a miríade participativa das torcidas contemporâneas no Brasil.

Eis que o autor se volta mais recentemente, por ocasião da obtenção do título de professor titular na instituição a que se vincula, o departamento de Ciências Sociais da UFSCar, a um novo trabalho denso e de folego – *Torcer: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas* –, com uma primeira proposta defendida em 2019, de mais de trezentas páginas, a que pudemos consultar, seguida de versões mais enxutas e refinadas, ainda no prelo. O modelo tripartite do doutorado, questionador de uma sociologia dicotômica de jogo-esporte (HUIZINGA e CAILLOIS), ou de um bidimensional par antitético esporte-sociedade (DAMATTA), avança nesse último trabalho para o aprofundamento das práticas sociais torcedoras, transladando as formas e os padrões do jogar para as subjetividades e corporalidades do universo, dizemos nós aqui, dos “torceres”.

Esse último vocábulo alude a uma extensividade plural do substantivo “futebóis”, consagrado por Damo, e sublinha a multiplicidade e transitividade que o verbo “torcer” comporta, desde agrupamentos torcedores sob a alcunha das TOs até os “torcedores genéricos”, passando por novos sujeitos, como coletivos que trazem pautas identitárias e/ou à esquerda do espectro político no século XXI. A

abrangência vale de igual modo para outros contornos definidores, uma vez que o torcedor também se configura de modo relacional face a um outro conjunto de atores, a exemplo de dirigentes, de jogadores, de jornalistas, de policiais etc., isto é, todos aqueles envolvidos no campo esportivo, no futebol profissional de alto rendimento e nos estratos futebolísticos brasileiros.

A dialética do jogar e do torcer é mediada, segundo a propositura de Toledo, pelo ângulo do olhar, de tal sorte que seu esquema analítico desliza, na totalidade do futebol, entre um *jogar olhado* e um *olhar jogado*. Este último é desempenhado pela entidade torcida, constituída e decomposta por suas partes – torcidas, coletivos e torcedores comuns – capazes de engendrar o que o autor chama de uma “socialidade lúdica”. Esta é proporcionada pela “fruição esportiva” e pela “lógica simbólica coletivizante”. Desta forma, a cisão estrutural operada entre o jogar e o torcer é reconstituída na síntese cognitiva do olhar, que o proponente passa a chamar de holografia.

A cerrada explanação é situada no campo da teoria antropológica, por meio da mobilização de teóricos contemporâneos, como Marlyn Strathern, Roy Wagner e Tim Ingold, entre muitos outros que por sua vez dialogam e remontam às vertentes clássicas da antropologia, de Mauss a Lévi-Strauss. O autor, dessa feita, procura avançar na reflexão das Ciências Sociais que tratam de esportes, indo além da teoria configuracional de Elias, dos “estilos de vida” de Bourdieu e também da “dramatização” *à la* Victor Turner de DaMatta. Mas se a teoria avulta com força na abordagem, o texto lança mão com frequência de monografias e trabalhos de campo dissertativos de que o autor participou como arguidor em bancas, motivando outra publicação *sui generis* de sua lavra (TOLEDO, 2019).

Como não é possível dar conta de toda a amplitude contida no “mundo fenomênico torcedor”, o que nos desviaria do objetivo mais empírico do presente artigo, assinalamos tão somente como, no fim das contas, trata-se de questionar a premissa corriqueira da subjetividade inata da persona torcedora. Refuta-se aqui que o torcedor seja *pura emoção*, a saber, que a sua personalidade seja destituída de condutas racionais, movida apenas pelas impulsividades e por outras

disposições anímico-instintivo-motivacionais. Esta é outra maneira de negar o princípio coetâneo segundo o qual o futebol “não tem lógica”.

Outro aspecto reiterado por Toledo é o primado do clubismo – corinthianismo, gremismo etc. – que, se já estava presente nos estudos dos anos 1990 – ganha conformações bem mais enfáticas no século XXI, com o declínio da “pátria de chuteiras”, no arco que vai do *Maracanazo* de 1950 ao *Mineiraten* de 2014. A ascensão das identidades clubísticas caminha de par com a internacionalização das competições e de toda a complexa metamorfose dos clubes multinacionais que se tornaram marcas globais nos últimos trinta anos, sendo o mais recente paradigma disso o caso do Paris Saint-Germain, sob os auspícios plutocráticos do Catar.

Esse quadro faculta o recrudescimento do clubismo em escala local, juntamente aos processos de bifiliação (CAMPOS; TOLEDO, 2013) ou até mesmo de trifiliação clubística. Assim, observamos nós a partir da leitura tolediana, se por um lado soldam-se e intensificam-se as identidades aderentes às mônadas do clubismo, por outro volatilizam-se tais vínculos, com a maior labilidade das conversões e reconversões a outros times, em especial às agremiações com patrocínios argentários e aos astros multimilionários internacionais que dão notoriedade às ligas competitivas das *Big-5* (Inglaterra, Espanha, Alemanha, França e Itália). Nesse bojo de mudanças, assiste-se, e aqui volta-se ao autor, à passagem do “dom de jogar” ao “torcer sem dom”.

No que diz respeito especificamente ao tema em tela nesse artigo, Toledo mostra de que maneira, em paralelo à judicialização das TOs em meados dos anos de 1990, na esteira da chamada “batalha campal do Pacaembu”, em 1995, ocorre a veiculação de matérias na imprensa em torno dos projetos de criação dos programas de sócio-torcedor. Embora o tom das reportagens mencionasse a demora na implementação do projeto pelos clubes paulistanos, Toledo evidencia a adesão progressiva nas equipes de maior porte. É o caso do São Paulo Futebol Clube que, em 1999, já possuía vinte e sete mil inscritos, dos quais catorze mil pagavam em dia as mensalidades.

Os anos 2000 assistem à adoção e à consolidação do modelo, processo que concorre junto à orientação empresarial do futebol-negócio, disseminada de forma assimétrica, mas progressiva e crescente, segundo cada realidade clubística. Uma vez sacramentada a realização da Copa do Mundo no Brasil, em anúncio da FIFA em 2007, as novas arenas colocam-se no horizonte mais concreto do futebol brasileiro. A proposição de um novo tipo de torcedor passa a dar a tônica do diagnóstico jornalístico para pôr fim à violência nos estádios. No mesmo diapasão vai a retórica política dos dirigentes, que vislumbram no Mundial de 2014 a oportunidade ideal para concretizar a decantada “modernização” do futebol brasileiro.

O corolário desse processo acaba por atingir o dia a dia das competições, seja com a criação dos camarotes, seja com os ingressos vips, seja com o cadastramento em programas como o Fiel Torcedor, tal qual no caso do Corinthians. Renda e segurança, tecnologia e disciplina passam a informar o ideário mercadológico das estruturas arquitetônicas, erguidas do zero ou renovadas com base em reformas de modernização dos antigos edifícios esportivos. O calendário esportivo, por sua vez, também adquire a ansiada “racionalidade”, com o alinhamento e a padronização de competições internacionais e nacionais, bem como, no Brasil, com a adoção do sistema de pontos corridos, vigente desde 2003 e garantidor da suposta meritocracia dos ascensos e descensos entre quatro divisões principais, constituídas por um total de oitenta clubes profissionais.

No âmbito do torcer, a tal racionalização é implementada com a promulgação, pelo poder executivo federal, do Estatuto do Torcedor. O anúncio se dá no mesmo ano de 2003, quando é sancionada a primeira versão do referido Estatuto, homólogo à lógica consumerista normativa dos supostos direitos e deveres de um frequentador de uma praça esportiva. Em 2010, novo sancionamento para o documento, com a atualização de mais sanções previstas às torcidas organizadas e às suas lideranças, em particular nos artigos 39A e 39B. A tentativa de asfixia da violência, tendo em vista então a aproximação do megaevento esportivo da FIFA no Brasil em 2014, objetiva assim direcionar às entidades a responsabilização por atos de subgrupos das associações torcedoras.

Em conjunto, a avaliação dessas medidas do Estatuto do Torcedor é passível de questionamentos pela Academia. Ademais, o procedimento de equalização dos supostos direitos não é imune a críticas, como as empreendidas por Toledo em seu mais recente estudo: “a fabulação jurídica que equaliza no plano da universalidade dos direitos consumeristas a compra, por exemplo, de uma televisão com a compra de um jogo do time de preferência coloca pouca distância de entre fenômenos com densidades simbólicas distintas, tomados por bens de consumo sem qualquer mediação sócio-histórica” (2019, p. 176).

Críticas acadêmicas à parte, com a qual concordamos, é sobre esse cenário constituído ao longo de duas décadas que o presente artigo se detém. A disseminação do programa de fidelização é hoje uma realidade que permite constituir uma nova categoria, posicionada no espectro que vai dos espectadores mais passivos aos militantes mais engajados, movidos sob a égide do associativismo torcedor. Após idas e vindas, avanços e recuos, pode-se dizer que o programa Sócio-torcedor se consolidou nos últimos anos e dá ensejo a nossa proposta de uma melhor compreensão da visão das torcidas organizadas por parte desse ator que também é considerado, com certo lastro pejorativo ou acusatório, de “torcedor-consumidor”.

Isso posto, feita a contextualização geral, passemos, a seguir, a uma breve exposição da metodologia adotada no presente estudo e a uma mínima revisão da literatura produzida sobre o assunto. Em seguida, vamos à apresentação dos resultados levantados nessa enquete que procura aferir as percepções dos sócios-torcedores acerca dos torcedores organizados.

Definições metodológicas do *survey*

Na metade de 2020, nos primeiros meses da pandemia do Covid 19, um *survey* on-line foi conduzido com torcedores dos quatro principais clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro³. O tema central da pesquisa era a percepção dos respondentes a respeito dos programas de fidelização econômica de torcedores,

³ O *survey* foi organizado e conduzido pelos pesquisadores Jimmy Medeiros e Philippe Chaves Guedon.

popularmente chamados de programas sócio-torcedores (doravante, ST), dos quatro principais clubes da capital fluminense: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama. Apesar desse direcionamento, aproveitamos o instrumento de pesquisa para mensurar também a percepção deste grupo, em particular, com relação a outro segmento representativo de apoio aos clubes de futebol: os torcedores organizados.

Assim, nesse caso, o foco é saber o que os torcedores interessados em programas sócio-torcedor pensavam sobre os torcedores organizados. Parte-se do pressuposto de que estes, muitas das vezes, são vistos no senso-comum da sociedade como “marginais”, entre outras categorias nativas estigmatizadoras, sendo bastante difundida no imaginário coletivo corrente a representação desse segmento de torcidas como elementos perigosos para a sociedade e para a ordem social, dentro e fora dos estádios (TEIXEIRA, 2004).

A pesquisa foi conduzida através de redes sociais, como Facebook e Instagram, mediante postagem de uma apresentação dos objetivos da enquete e uma breve descrição do conteúdo do questionário. Seguiu-se às instruções um convite para participar do estudo e um link que direcionava para o questionário on-line, composto por cerca de quarenta perguntas através da plataforma Lime Survey.

No Instagram, o link do questionário foi compartilhado nas páginas pessoais dos dois responsáveis pelo *survey*, alcançando apenas pessoas próximas das suas redes de contato. Já no Facebook, ele foi compartilhado em mais de vinte e cinco páginas relacionadas aos quatro principais clubes do Rio de Janeiro para alcançar o maior público possível com interesse no tema da investigação. Tais páginas virtuais, como um todo, reuniam alguns milhares de pessoas com interesse nos seus “clubes do coração” (DAMO, 2008) e nelas eram compartilhadas informações, notícias e fatos sobre o cotidiano do clube.

Muitas das vezes, esse compartilhamento gerava engajamento e debate entre os participantes. Algumas das páginas do Facebook utilizadas para divulgar a pesquisa tinham tanto a entrada quanto a postagem sob controle. Assim, os responsáveis pelo *survey* sempre solicitavam o ingresso na página e, em seguida,

pediam autorização aos moderados para efetuar a postagem de divulgação da pesquisa. Nestes casos, passavam um certo grau mais elevado de credibilidade para o estudo.

De forma prática, para o presente trabalho, foram selecionadas apenas sete perguntas do questionário, que abordavam diretamente o tema das “torcidas organizadas”. Com este recorte, foi possível identificar a percepção de um agrupamento torcedor tido como de maior poder aquisitivo e com um perfil de aproximação com o clube que não é representado apenas pela paixão. Há um vínculo financeiro que para alguns pode ser elemento marcante de distinção torcedora (MEDEIROS, GUEDON, 2019).

O resultado desta iniciativa em meio ao isolamento social proporcionou um banco de dados com o total de 331 respostas, sendo 321 válidas, ou seja, questionários preenchidos corretamente e integralmente por aficionados de clubes cariocas. De forma resumida, do ponto de vista de um perfil sociológico, os participantes são em grande maioria do sexo masculino (84%) e com ao menos o ensino superior completo (66% da amostra). Além disso, 25% têm até 24 anos de idade, 59% possuem entre 25 e 44 anos e os outros 16% contam 45 anos ou mais, ou seja, apresentam perfil demográfico diferente do carioca “médio”.

Por fim, ainda sobre o perfil dos entrevistados, 33% eram torcedores do Vasco da Gama, 33% eram torcedores do Flamengo, 18% do Fluminense e 16% do Botafogo. Assim, em comparação com *survey* de torcedores de clubes do Rio, na amostra há uma sub-representação de torcedores rubro-negros e sobre representação de vascaínos, por exemplo⁴.

A título de ilustração, tal retrato da amostra tem características diferentes do verificado no *survey* realizado no Rio de Janeiro, apenas com membros de torcidas organizadas (Hollanda, Medeiros, 2016). Por exemplo, naquele estudo a proporção de homens na amostra do Rio de Janeiro foi semelhante ao deste estudo – com

⁴ Fonte: Em reportagem publicada no G1, uma pesquisa de 2014 no Rio de Janeiro, indica o Clube de Regatas Flamengo com 50% dos respondentes, Clube de Regatas Vasco da Gama com 18%, O Fluminense Football Club com 9% e o Botafogo com 8% do total. Mais informações podem ser encontradas em

cerca de 4 pontos percentuais a mais – portanto, com níveis aproximados entre os dois estudos, todavia, há grande diferença no perfil do grau de escolaridade dos entrevistados.

Nesse último estudo, 2/3 dos respondentes têm ensino superior, ao passo que no levantamento de Hollanda e Medeiros (2016) esse percentual era de 20%. Isso tem impacto na condição de renda dos entrevistados, dado que no Brasil, quanto maior o grau de escolaridade, maior tende a ser a renda da pessoa. Outra diferença entre as duas amostras é o perfil etário, pois nesta investigação, mais recente e em formato on-line de aplicação, foi alcançado um público mais velho do que o verificado na pesquisa *in loco* com os torcedores organizados nos estádios. Essas diferenças sociodemográficas podem se dar por conta das diferenças metodológicas existente entre os dois *surveys*.

Antes da passagem aos resultados da enquete, convém mencionar a literatura preexistente sobre o tema, em que se destaca a dissertação de mestrado de Thiago José Silva Santana, intitulada *O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio-torcedor* (2016). Defendido no Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da UFMG, o trabalho analisa o “Galo na Veia”, programa de fidelização implantado pelo Clube Atlético Mineiro, com um detalhamento quantitativo dos indicadores sociológicos dos membros aderentes à instituição clubística. Vale-se, para tanto, da aplicação de centenas de questionários, aplicados presencialmente, de entrevistas semiestruturadas e de pesquisa bibliográfico-documental.

À luz do referencial teórico de Zygmunt Bauman, o autor apresenta uma perspectiva aprofundada do paradigma consumerista orientado à aquisição de ingressos para frequência ao Estádio Independência entre os atleticanos, o que inclui o lugar das TOs nesse processo de conversão de modelos. Em termos mais abrangentes, a dissertação apresenta as mudanças na relação entre o clube, o torcedor e o estádio, em função das ações de marketing que se exponenciam desde as últimas duas décadas, sob a égide do agir em benefício próprio.

O Autor ampara-se em estudo prévio para a contextualização da lógica mercantil que embasa a adoção do programa:

Essa perspectiva de análise dos programas de sócio torcedor, enquanto estratégia de marketing, é utilizada por Cardoso e Silveira (2014). O estudo analisou a evolução das receitas dos times, a partir dos programas de sócio torcedor dos 12 principais clubes do Brasil. A partir da análise dos balanços financeiros publicados pela Pluri Consultoria, o estudo demonstra que a implantação dos programas de sócio torcedor gerou um aumento na arrecadação dos clubes. (SANTANA, 2016, p. 20)

O estudo da consultoria aludida na citação, por sua vez, constata que, segundo o relatório:

o preço dos ingressos mais baratos no Brasil custa em média R\$ 51,74 (pesquisa IPF-PLURI, 1º semestre), equivalente a US\$ 22,62. Quando comparamos este valor com a renda per capita do Brasileiro (US\$ 11.208/ano a preços correntes 2013), concluímos que esta Renda permitiria a compra de 495 ingressos por habitante/ano, a menor quantidade na comparação com os outros países analisados. Isto faz do Brasil o país de preços relativos de ingressos mais alto entre os principais mercados do mundo (SANTANA, 2016, p. 20).

Ainda com base em Santana, pudemos aceder à pesquisa sobre a implantação do programa sócio-torcedor em cinco agremiações, quais sejam, Corinthians, São Paulo, Internacional, Grêmio e Flamengo (Gaspar, 2014; Rodrigues, 2010), o que denota as regiões que iniciaram tal processo de mercantilização planejada de ingressos e de vinculação mediada por novos mecanismos adesivos ao clube. Mas há também locais de menor protagonismo futebolístico, em que o programa de fidelização avançou, a exemplo de Brasília, estudado por Azevedo (2013).

Feito esse mínimo mapeamento da literatura, passemos, pois, à apuração lograda na presente investigação.

Percepções sobre as torcidas organizadas

Para aprofundar mais no perfil dos entrevistados quanto ao padrão de relacionamento dos entrevistados com os programas sócio-torcedores dos seus “clubes do coração” e com as torcidas organizadas, objeto de análise da presente

pesquisa, selecionamos duas perguntas de base. De início, identificamos que 68% dos participantes da pesquisa mantinham vínculo com o programa sócio torcedor, outros 9% tiveram este tipo de vinculação no passado e 23% nunca efetuaram qualquer filiação econômica desta modalidade com o clube do coração. Cabe mencionar que este percentual de associados na amostra é elevado, pois a chamada do estudo nas redes sociais era justamente para conhecer as percepções a respeito dos programas sócio-torcedores. Apesar de este ser o propósito central do survey, aproveitamos o questionário para investigar a percepção deste público sobre as TOs, como mencionado anteriormente.

Em acréscimo, em uma outra variável, foi possível identificar que 12% dos entrevistados eram ou já foram membros de torcidas organizadas. Outros dois grupos mais representativos são os entrevistados que nunca se associaram às TOs, mas frequentavam as arquibancadas dos estádios junto às torcidas organizadas (56%), demonstrando algum interesse em participar da “festa” conduzida pelos agrupamentos, sem precisar estabelecer uma conexão mais estreita e formal, como a filiação, frequência à sede, participação em caravanas, entre outros mecanismos associativos. Por fim, identificou-se o significativo grupo composto por aqueles que nunca se associaram ou se aproximaram das TOs nos estádios (33%) (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Você é ou foi membro de torcida organizada?

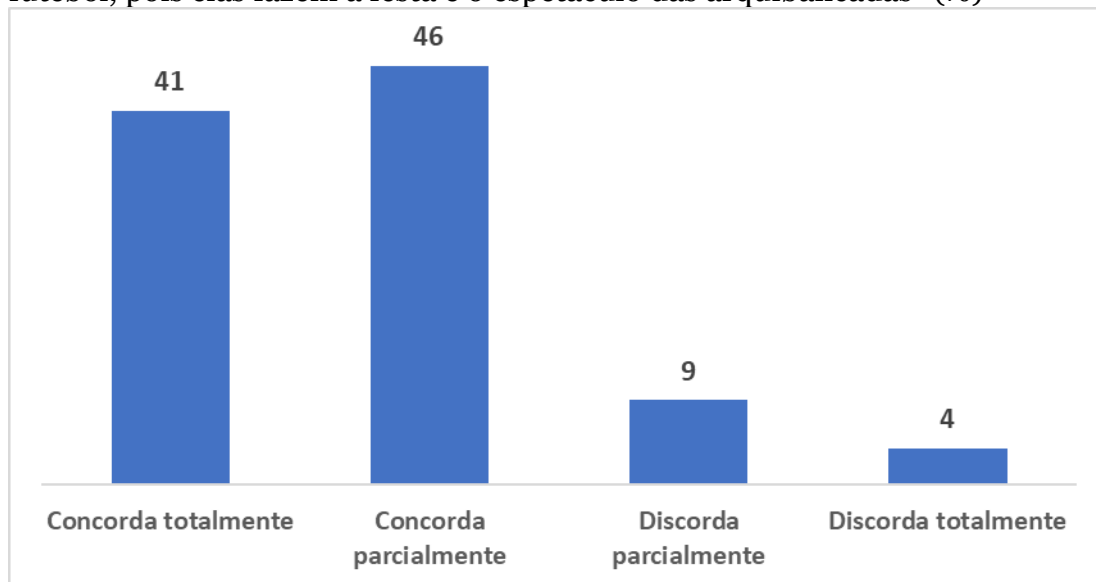


Uma vez apresentado o perfil geral do entrevistado no survey on-line, iniciamos a análise da percepção dos participantes em relação às torcidas organizadas. Para tanto, utilizou-se o recurso de apresentação de uma afirmativa que representa uma ideia a respeito do tema. O propósito era que cada entrevistado indicasse o seu grau de concordância ou discordância, com base na escala de Lickert. Este recurso metodológico é consagrado no campo das pesquisas quantitativas (BABBIE, 1999).

Uma primeira dimensão investigada permitiu avaliar a percepção dos entrevistados em relação a: “torcidas organizadas são benéficas ao futebol, pois elas fazem a festa e o espetáculo das arquibancadas”. Neste caso, o interesse era saber como o aspecto festivo das arquibancadas, o que compreende as músicas e os cânticos coletivos, o uso de instrumentos, faixas e bandeiras eram vistos pelos participantes do survey on-line. Conforme dados constantes do gráfico 2, grande maioria dos entrevistados (87%) indicaram o reconhecimento do trabalho e a dedicação das torcidas organizadas em apoiar o time e em promover a ambiência de animação dos torcedores nos estádios.

Tal resultado é auspicioso, pois ele é recorrentemente acionado pelos membros de torcidas organizadas para exaltar sua importância como partícipe e protagonista do evento esportivo, dado que suas imagens são veiculadas nas chamadas comerciais e no decorrer das transmissões televisivas dos campeonatos de futebol, intercalando cenas de campo com imagens das arquibancadas em que se concentram os torcedores organizados. De certa forma, este recurso argumentativo dos torcedores organizados tem respaldo em grande parte dos participantes da pesquisa, a reconhecer os subgrupos das TOs como responsáveis pela ambiência calorosa, ruidosa e animada das partidas a que assistem.

Gráfico 2 – Grau de concordância com “As torcidas organizadas são benéficas ao futebol, pois elas fazem a festa e o espetáculo das arquibancadas” (%)



Ao comparar os resultados desta variável com o perfil de vinculação do entrevistado com as TOs, aqueles que são membros (100% de concordância), os que já foram (94% de concordância) e aqueles que nunca foram membro de TO, mas ficam junto delas nas arquibancadas (93% de concordância) demonstram apoio maior, se comparado àqueles que nunca foram membros nem ficam próximo das TOs (72% de concordância). Mesmo assim, até o grupo de respondentes tido como mais distante das agremiações torcedoras aponta reconhecimento elevado à sua atuação nas arquibancadas.

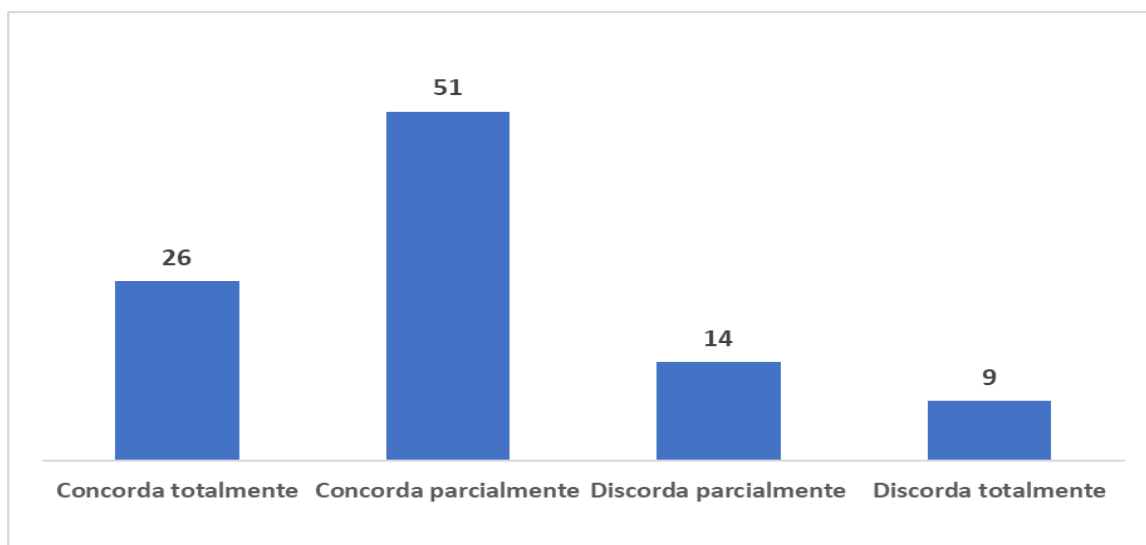
Em adição, pode-se dizer que quanto maior o grau de escolaridade do entrevistado menor é a adesão de que as TOs são benéficas ao futebol. Ou seja, a formação escolar tende a diminuir o reconhecimento positivo à função desempenhada pelas torcidas organizadas no apoio ao time e na promoção da “festa”, como categoria nativa, nas dependências das arenas.

Em sequência, uma segunda dimensão investigada com o questionário permitiu conhecer a percepção dos entrevistados sobre a realização de ações sociais e doações por parte das torcidas organizadas. Esse tipo de atividade extradesportiva é tradicional entre os torcedores organizados. Em São Paulo, as

torcidas possuem seus Departamentos Sociais⁵ e incrementaram essa frente, por assim dizer, filantrópica de atuação durante a pandemia do Covid 19. Mais uma vez o reconhecimento é elevado, uma vez que 77% dos participantes do estudo indicaram concordar com a afirmativa (Gráfico 3).

E, de fato, também no Rio de Janeiro as torcidas organizadas costumam realizar ações deste tipo, como doação de sangue junto ao HemoRio⁶, arrecadação de alimentos, cestas básicas, brinquedos e roupas para doação às populações vulnerabilizadas e iniciativas de caridade e lazer voltadas para datas e comemorações especiais, como Dia das Crianças, Natal, Páscoa, entre outros acontecimentos do calendário anual. A divulgação desses eventos é recorrente nas redes sociais das principais torcidas cariocas e, algumas vezes, são veiculadas na mídia esportiva especializada⁷.

Gráfico 3 – Grau de concordância com “Torcidas organizadas fazem ações sociais, doações e promovem a cidadania” (%)



⁵ O documentário “Não é brincadeira”, com direção de Tuane Fernandes, foi produzido sobre o grêmio Gaviões da Fiel, para registrar tais ações: <https://www.youtube.com/watch?v=q6qgvPRgn8Q>. Acesso em 05 de março de 2022.

⁶ Hospital público estadual, referência em hematologia e hemoterapia, e um dos principais bancos de sangue da unidade federativa.

⁷ Os jornais esportivos noticiam algumas das iniciativas desenvolvidas pelas torcidas organizadas, como <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/conheca-sangue-torcedor-brasileirao-doacao-sangue.html> e <https://www.lance.com.br/fluminense/organizada-conselheiros-entregam-cestas-natal-funcionarios-flu.html> e <https://www.lance.com.br/botafogo/mais-100-cestas-basicas-sao-dadas-aos-funcionarios-sede.html>.

Assim como na pergunta anterior, o perfil de vinculação do entrevistado com as TOs se mostrou importante para diferenciar a concordância com a realização de ações sociais e promoção de cidadania por parte das TOs. Por exemplo, aqueles que são membros (100% de concordância) ou já foram (91% de concordância) concordam mais que as TOs realizam esses atos beneficentes que aqueles que nunca foram membros de TO, mas que ficam próximos delas no espaço das arquibancadas (83% de concordância) e dos que nunca foram membros nem ficam próximo delas (62% de concordância).

Por outro lado, neste tópico, o perfil de vínculo com o programa sócio-torcedor e o grau de escolaridade não foram efetivos para estabelecer algum tipo de diferenciação quanto à percepção em relação à afirmativa. Isto é, os diferentes graus de escolarização e de vinculação ao programa sócio-torcedor têm proporções parecidas com a média geral.

Além de procurar dimensionar a percepção dos entrevistados sobre as atividades e ações conduzidas pelas torcidas organizadas tidas como positivas – “festa” na arquibancada e as ações sociais –, o *survey* tentou mensurar o que os participantes pensam sobre diferentes formas e níveis de violência, uma faceta tida por suposto como negativa. Neste sentido, um primeiro aspecto tratou do limite de “cobrança” que os torcedores podem desempenhar sobre seus times.

Na retórica das torcidas, o termo aparece também como “fiscalização”, que se trata do acompanhamento da performance dos jogadores, da comissão técnica e dos clubes. Os descontentamentos com derrotas ou rebaixamento em competições esportivas em nível estadual e nacional leva a crises e a protestos de torcedores, o que se dá em diversos ambientes, seja nos centros de treinamento, seja no trajeto dos ônibus com a delegação do time, seja no aeroporto ou nas imediações dos estádios. O foco crítico é variável e pode ser direcionado a um atleta, a um técnico ou a um dirigente, que faz as vezes de bode expiatório (MARTINS, 2015).

Para isso, foi apresentada uma situação que excede as regras, pois mesmo que o time tenha mau desempenho esportivo os torcedores, por regra, não podem invadir os CTs para intimidar e “cobrar” jogadores, por exemplo. A “cobrança”,

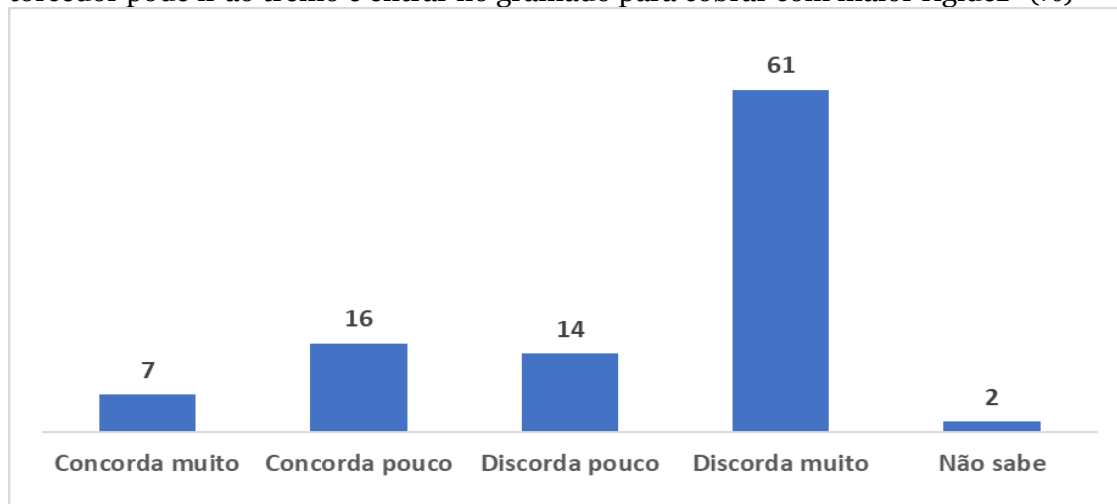
ainda no jargão nativo, é aceita em áreas públicas, na entrada do centro de treinamento e estádios, ou mesmo nas arquibancadas dos estádios, por meio de gritos e cânticos reivindicatórios e faixas de ponta-cabeça.

Em vista disso, utilizando a mesma metodologia anterior, foi apresentada a afirmativa “se o time está em crise no campeonato, o torcedor pode ir ao treino e entrar no gramado para cobrar com maior rigidez” para dimensionar o grau de concordância ou discordância. Para 75% dos entrevistados, este tipo de cobrança é excessivo e equivocado, ao passo que somente 23% dos entrevistados concordam com esta prática que vem se tornando corriqueira no futebol brasileiro (Gráfico 4).

Cabe mencionar que esse resultado difere bastante do verificado por Hollanda e Medeiros (2016), em que a mesma afirmativa, por meio da mesma metodologia de pergunta, foi apresentada aos membros de torcidas organizadas dos clubes cariocas. Naquela situação e naquela amostra, 57% apoiavam a transgressão da regra para demonstrar sua insatisfação aos jogadores do clube. Os resultados dos dois *surveys* com públicos distintos e, em anos diferentes, estão em direções opostas. Apesar destas limitações e ressalvas metodológicas, é possível identificar que os dois grupos torcedores – os ST e os membros de TO – têm valores e graus de leniência diferentes com relação a este assunto.

Tal diferença fica ainda marcante quando comparado o resultado da concordância ou discordância com a afirmativa pelo perfil de filiação à torcida organizada, considerando apenas os dados do *survey* on-line. Assim, no estudo de 2020, 60% daqueles que informaram ser membro de torcida organizada e 31% dos que já foram parte de TO demonstraram adesão à ideia de transgredir regras para cobrar dos jogadores um desempenho esportivo melhor, mesmo que viole princípios de invasão de propriedade privada. Esse percentual é superior ao apresentado pelos que nunca foram filiados a uma TO, afinal somente 25% daqueles que, mesmo não sendo membro de TO, e que ficavam junto delas nas arquibancadas, e 15% daqueles que nunca fizeram isso, demonstraram concordar com a prática transgressora.

Gráfico 4 – Grau de concordância com “Se o time está em crise no campeonato, o torcedor pode ir ao treino e entrar no gramado para cobrar com maior rigidez” (%)



O segundo aspecto investigado sobre a dimensão tópica “violência” das torcidas organizadas tratou de sondar o nível de responsabilização pelos atos infratores. Para isso, a afirmativa apresentada apontava para uma situação limite e extrema em que a violência fora dos estádios é responsabilidade “exclusiva” das torcidas organizadas. Embora membros de TOs participem de confrontos em dias de jogos, nem todos os atos violentos são de responsabilidade destes torcedores, ou por outra, muitas das vezes cingem-se a células e subgrupos bem específicos dentro delas. E há ainda situações que fogem da ação destes agrupamentos.

Conforme o gráfico 5, 51% dos participantes do *survey* on-line discordam desta afirmativa e não creditam todos os atos belicosos às torcidas organizadas. Por outro lado, 48% dos entrevistados concordaram com esta afirmativa. É bem possível que estejam apoiados por notícias veiculadas em jornais e redes sociais, nem sempre fidedigna aos fatos ou mais precisa em relação ao tipo de adesão formal às TOs.

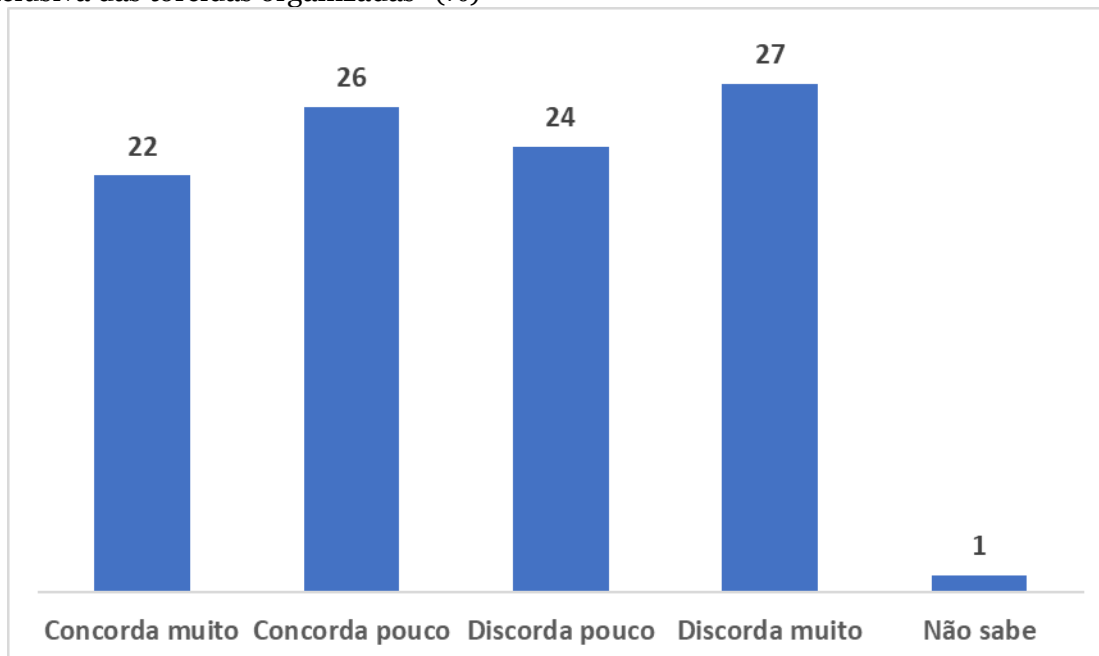
O resultado aponta a necessidade de tentar modificar esse quadro de percepção sobre as agremiações torcedoras, dado que nem todas têm participação em confrontos e brigas e estão mais voltadas à festa e ao apoio incondicional. Importante frisar que, sob a denominação torcida organizada, existe uma miríade de agremiações, uma que inclui torcidas “de faixa” (com poucos membros), movimentos e coletivos informais, torcidas antifascistas e torcidas de “pista”

(subgrupos que marcam encontros para brigas com rivais – a exemplo do *Sobranada*, no Fluminense, e do *Bate-Anda*, do Flamengo). Em termos quantitativos, pode-se dizer que há torcidas de pequeno, médio e grande porte, gradiente e escala capaz de conferir ampla diversidade a um espectro de torcedores que não podem ser resumidos apenas a atos vandálicos e a comportamentos violentos, conquanto a questão não seja desprezível e que incidentes crescentes se sucedam.

Mais uma vez, ao comparar o resultado da adesão à afirmativa com o perfil de associação com as torcidas organizadas, é verificada uma distinção. Por exemplo, 40% daqueles que informaram ser membro de torcida organizada e 38% dos que já foram membros de TO concordaram que essas torcidas sempre são as responsáveis pela violência fora dos estádios. Com proporção aproximada destes dois grupos, a pesquisa identificou que 42% daqueles que nunca foram membros de TO, mas que se situavam junto ou próximo a elas nas arquibancadas – a denotar algum tipo de simpatia ou adesão informal – concordaram que a violência fora dos estádios é responsabilidade “exclusiva” das torcidas organizadas.

Em outra perspectiva, 62% dos que nunca foram membros de TO nem ficavam junto delas concordaram com a ideia da afirmativa. Ou seja, silogismo previsível, este último grupo que tem maior distanciamento das torcidas organizadas percebe-as da forma mais negativa que os demais. Uma divulgação mais concreta das atividades e do conjunto dos comportamentos das torcidas organizadas mostra-se necessária para romper com o senso comum de que são grupos exclusivamente perigosos e violentos e que estão sempre envolvidos em conflitos, brigas e mortes. Uma aproximação das torcidas com o clube de futebol e com os demais torcedores pode ser positivo para que a percepção a respeito destes agrupamentos seja modificada ou, ao menos, mitigada.

Gráfico 5 – Grau de concordância com “A violência fora dos estádios é responsabilidade exclusiva das torcidas organizadas” (%)



Em seguida, buscamos dimensionar o apoio às punições que têm sido aplicadas às quatro principais TOs cariocas (nomeadamente: Torcida Jovem do Flamengo, Young Flu, Força Jovem do Vasco e Fúria Jovem do Botafogo) por membros do Ministério Público estadual, do Judiciário e das forças de segurança do estado (BEPE) como a proibição da presença das torcidas, das suas faixas, dos seus instrumentos musicais e dos seus uniformes. Este gênero de punição e a exigência de adequação a um termo de conduta passaram a ser corriqueiros desde os anos 2010, em um processo que pode ser chamado de “judicialização” das torcidas, com o Termo de Ajustamento de Condutas (TAC) e outras medidas congêneres.

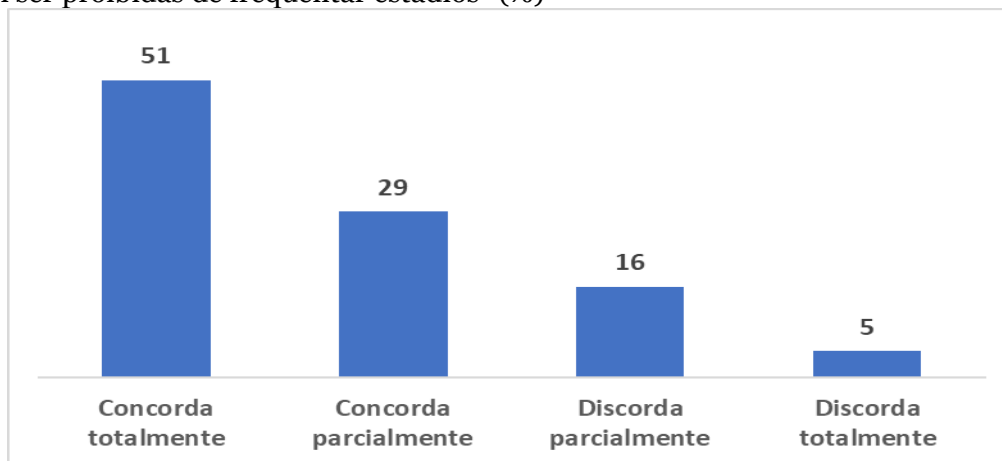
Com efeito, apesar das interdições, os conflitos entre torcidas continuam a ocorrer, e de forma ainda mais recorrente em dias de jogos, em uma dispersão do raio de incidência, com casos que se mostram cada vez mais danosos, graves e radicalizados. Há incidentes de torcidas suspensas dos estádios cujos membros participam de confrontos em dias de jogos dos seus clubes, perto ou longe das arenas esportivas. Para escalonar a opinião a respeito da temática, questionamos o

apoio ou rejeição à ideia de “em caso de violência, as torcidas organizadas devem ser proibidas de frequentar estádios”.

Convém salientar que esse tipo de punição está alinhado à Lei nº 10.671/2003 – chamado de Estatuto do Torcedor –, a dispor no seu artigo 39 sobre a punição aos torcedores que promoverem tumulto, praticarem ou incitarem a violência e invadirem local restrito aos competidores, entre outras disposições. Conforme normativa do Estatuto, a penalização incide sobre o impedimento de comparecer às proximidades dos equipamentos esportivos de três meses a um ano, considerando a gravidade da infração.

De acordo com o gráfico 6, 80% dos entrevistados concordam com a aplicação desse modo de punição às torcidas organizadas, enquanto 21% a rejeitam. Como esperado, o perfil de envolvimento com as TOs apresenta impacto na percepção desta variável. Afinal, 40% dos membros de torcida organizada presentes na amostra concordam com esta punição, ao passo que 69% dos que já foram membros de TO concordam com estas punições. Já os que nunca foram membros de TO, mas frequentavam as arquibancadas junto às mesmas, 77% deles concordam com a forma de punição e 90% do grupo de maior distância das TO – ou seja, aqueles que nunca foram membros de TO nem ficavam junto delas – manifestam concordância com a proibição das agremiações torcedoras de frequentar os estádios.

Gráfico 6 – Grau de concordância com “Em caso de violência, as torcidas organizadas devem ser proibidas de frequentar estádios” (%)



Por fim, uma nova dimensão sobre o aspecto da violência torcedora foi testada junto aos entrevistados. Nesta nova situação, foi apresentada uma proposta de punição mais dura às torcidas tidas como violentas, além dos seus membros. Nesta pergunta, a proposta não ficava restrita à proibição de frequentar os estádios, mas dizia respeito à extinção da TO e, ao mesmo tempo, à imposição do veto de que os seus membros possam frequentar as arenas esportivas. Entendíamos que esta afirmativa era a mais extrema e o apoio a ela seria mais restrita e difícil de operacionalizar.

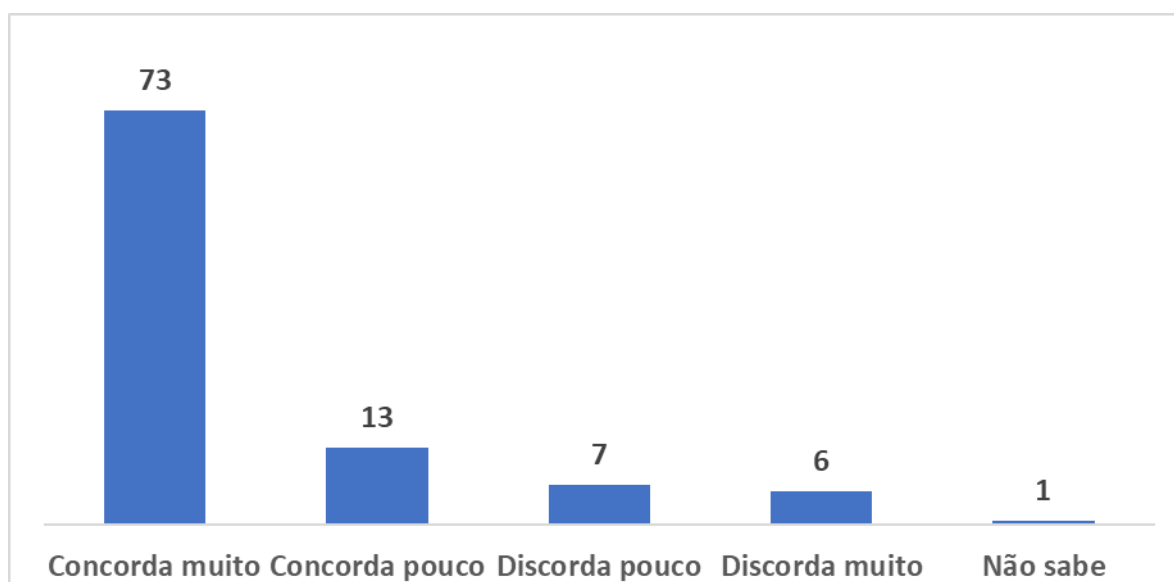
Embora a punição seja mais dura, a presença do termo “torcida organizada violenta” confere grande adesão à punição. De acordo com o gráfico 7, 86% dos entrevistados indicam apoio a este tipo de punição rigorosa. Somente 13% discordam dela e 1% não soube informar seu posicionamento. Mesmo sendo uma medida muito dura, ela é extremamente aceita pelos participantes da pesquisa.

Com o objetivo de detalhar melhor a percepção dessa dimensão, foi realizada mais uma vez uma comparação entre o perfil de envolvimento com as TOs com o apoio ou rejeição da afirmativa. Novamente, o padrão silogístico verificado com as perguntas anteriores está mantido, ou seja, quanto mais estreito for o relacionamento com a torcida organizada, menor é o apoio à sua penalização. Assim, 60% dos que são membros de TO e presentes na amostra concordam com a afirmativa. Podemos considerar este como sendo um percentual bastante elevado de apoio à punição às TOs, mesmo sendo parte de agrupamentos deste tipo. É interessante ressaltar que muitos membros de torcidas organizadas criticam as ações bélicas e buscam mitigar os conflitos, como tem sido feito por entidades representativas, quer seja pela Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG) e, em passado recente, pela Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) (HOLLANDA, TEIXEIRA, 2017).

Dentre os entrevistados que foram filiados às TOs o apoio chega a 75%, ao passo que o índice aumenta para 84% entre aqueles que nunca foram membros desses agrupamentos, mas que ficavam junto às mesmas nas arquibancadas. Estes percentuais ainda estão situados abaixo do somatório de “concorda muito” e

“concorda pouco” nesta pergunta (86% no gráfico 7). Em sequência, 95% dos que nunca foram membros de TOs nem ficavam junto delas concordaram com a extinção de torcidas violentas e a proibição dos seus membros de frequentarem os equipamentos esportivos em dias de jogos. Conquanto não chegue a ser um dado de todo surpreendente, chama a atenção que este último grupo tem proporção bem elevada de apoio à medida rigorosa.

Gráfico 7 – Grau de concordância com “Torcida organizada violenta deve ser extinta e seus membros proibidos de frequentar estádios” (%)



À guisa de conclusão

A despeito da visão acima coletada e sistematizada de parte dos sócio-torcedores, reitera-se que a violência no futebol não se circunscreve às torcidas organizadas, ou não pode ser atribuída de modo unilateral às mesmas. Palhares e Schwartz (2015) analisam os diferentes sentidos de violência em sua obra e dão voz aos torcedores a respeito do tema. Os autores, com base em entrevistas abertas, conseguem aprofundar na temática, porquanto eles citam trechos de entrevistas que colaboram com a delimitação mais ampla da violência, indo além do que se convencionou como brigas e punições impostas.

Nesse sentido, membros de torcidas organizadas reverterem a retórica e enxergam a “violência” praticada nos valores cobrados pelo ingresso, sendo este um resultado direto das mudanças acometidas pelo “futebol moderno”. Na mesma proporção, verificam-se as questões referentes aos relacionamentos entre torcedores organizados e os agentes de segurança pública, bem como os aspectos atinentes à (des)organização do calendário e aos problemas de gestão das competições esportivas, frente aos desencontros com datas de jogos e mudanças que desrespeitam regulamentos.

Outro fator a ser apontado é a justificativa delimitada para os atos transgressores e bélicos entre torcedores que os autores conseguiram captar. Palhares e Schwartz (2015) mostram – com base em trechos das entrevistas conduzidas – como os torcedores possuem dificuldade de racionalização da violência entre torcidas no futebol e, para isso, fazem uso de diferentes argumentações e narrativas. Após análises de discurso dos entrevistados, conclui-se a existência de uma retórica para os conflitos, que ocorrem principalmente, segundo os relatos, em virtude de três fatores básicos:

1. Rivalidade histórica, a saber, brigas anteriores acumuladas, a ponto de ser difícil delimitar a sua origem, o seu fundamento e o seu estopim;
2. Mecanismo de defesa, em que a ação causadora do conflito se justifique em resposta e reação e a responsabilização seja sempre do oponente;
3. Por fim, um espelhamento da violência existente na sociedade, tão somente reproduzida pelas TOs, a isentar os agrupamentos de serem mais violentos que a população, em geral. Em um recurso estatístico, é como se a violência torcedora fosse reflexo de sua presença e recorrência na média populacional e nas suas taxas usuais de violência urbana, atenuando sua responsabilidade.

Para além da reflexão postulada acima, a pesquisa de Pallares e Schwartz permitiu destrinchar acerca da percepção das torcidas organizadas feita por outro segmento torcedor. E, mais ainda, possibilitou detalhar o impacto dos diferentes perfis de envolvimento com as TOs na representação das mesmas.

A descrição dos sete pontos levantados na enquete dá, pois, subsídios para perceber como os sócios-torcedores veem os subgrupos de torcedores organizados.

Tal percepção possibilita uma compreensão mais matizada das transformações por que passa o futebol no Brasil contemporâneo, em especial na esteira dos megaeventos esportivos – Copa do Mundo de 2014 – com a progressiva conversão dos estádios em arenas, entre outras mudanças estruturais e conjunturais. Sabe-se que tal ordem de modificações infraestruturais afeta a composição social dos seguidores do futebol profissional em nível global.

Cada país, por seu turno, procura se adaptar a tal contexto com a mobilização de seus agentes. A ideia de um processo de elitização – ou de gentrificação – tem sido largamente aventada como um fator reiterado de exclusão das classes populares dos estádios, com o alijamento dos tradicionais seguidores do futebol no Rio de Janeiro ao longo do século XX. O debate sobre o comportamento violento das TOs imiscui-se em torno dessas polêmicas acerca da perda da aura e da autenticidade das praças esportivas (Simas, 2021) como espaços inter-classistas e doravante excludentes.

Tanto os membros de programas voltados aos sócio-torcedores quanto integrantes das torcidas organizadas participam desses debates, pois são partícipes no futebol de espetáculo. Na medida em que são afetados por essa nova ordem esportiva internacional, manifestam sua posição a respeito e posicionam-se num gradiente opinatório. A presente enquete procurou mapear e atualizar pesquisas anteriores, como os de Reis (2010), acerca do perfil sociológico e do imaginário das TOs. Para tanto, procurou-se contribuir com uma enquete capaz de identificar as linhas de força de modalidades torcedoras diferenciadas, mas igualmente engajadas no “consumo” ou na fruição da prática do futebol profissional no Brasil.

A atualização permitiu perceber a continuidade de certo imaginário de rotulação das TOs como “classes perigosas”, mas também decompor tal visão em variáveis mais matizadas que levam em consideração os novos e emergentes grupos de torcedores-clientes nesse cenário. O levantamento considerou de igual maneira as alterações no modo de enquadramento das TOs do ponto de vista legal e jurídico, com medidas de contenção e de punição aos agrupamentos, em função da transgressão comportamental, reprovada socialmente e considerada

antidesportiva. Como diria o saudoso professor Gilmar Mascarenhas, “o jogo continua”...

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Alexsander Gomes de. **O desenvolvimento de estratégia do programa Sócio-torcedor relacionado com a visão gerencial do futebol profissional no Distrito Federal**. Brasília: Dissertação de Mestrado em Educação Física/UnB, 2013.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique de. “O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora”. In: **Revista USP**, n. 99, 2013, p. 123-138.

DAMO, Arlei Sander. “Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 23, n. 66, 2008, p. 139-150.

ELIAS, Elias; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GIULIANOTTI, Richard. “Supporters, followers, fans, and flaneurs: a taxonomy of spectator identities in football”. In: **Journal of Sport and Social Issues**. London: February, 1, 2002, p. 25-46.

HOLLANDA, Bernardo B. B. de; MEDEIROS, Jimmy. “Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. In: **Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP**. São Paulo: v. 1, n. 2, p. 97-125, 2016.

HOLLANDA, Bernardo B. B.; TEIXEIRA, Rosana da C. “Associativismo juvenil e mediação política: as torcidas organizadas de futebol no Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ E de ANATORG”. In: **Revista Antropolítica**. Niterói: n. 42, Niterói, p.236-264, 1. sem. 2017.

MANDELLI, Mariana. **Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Antropologia/USP, 2019.

MARQUES, José Carlos; ROCCO, Ary. **Qual legado? Leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2016**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos**: a justiça popular no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MEDEIROS, Jimmy; HOLLANDA, Bernardo B. B. de. “De ‘país do futebol’ a ‘país dos megaeventos’: um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo”. In: HOLLANDA, Bernardo B. B. de.; FONTES, Paulo (Orgs.). **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021.

MEDEIROS, Jimmy; HOLLANDA, Bernardo B. B. de. “Legado olímpico em questão: megaeventos na cidade do Rio de Janeiro e as controvérsias em torno dos Jogos Olímpicos Rio 2016”. In: **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**. Volume 5: n. 2, p. 110-130, julho/dezembro de 2020.

MEDEIROS, Jimmy; GUEDON, Philippe C. “Fidelização econômico-torcedora e laços de vinculação com o clube: uma análise dos programas sócio-torcedor cariocas”. In: **Revista FuLiA**. Belo Horizonte: UFMG, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 25-42, 2020.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada**: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.

REIS, Heloísa Baldy dos. “O espetáculo esportivo e o estatuto de defesa do torcedor”. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. São Paulo: n. 31, 2010, p. 111-130.

RODRIGUES, Francisco Xavier. O Programa “Sócio-Torcedor” do Sport Club Internacional. In: **Aurora** – Revista de Arte, Mídia e Política. São Paulo, n.9, 2010, p.128-138.

ROJAS, Carlos Antônio Aguirre. “Edward Palmer Thompson e a economia moral das multidões latino-americanas”. In: **Caminhos da História**. Unimontes: v. 25, n. 2, 2020, p. 1-27.

SANTANA, Thiago José Silva. **O clube no coração e/ou no bolso**: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio-torcedor. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em Estudos do Lazer/UFMG, 2016.

SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã**: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Autores Associados; Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Torcer: a metafísica do homem comum”. In: **Revista de História**. São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 163, 2010, p. 175-189.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora 1990-2010”. In: MELO, Victor Andrade de (et al). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Remexer anotações**: o trabalho de um arguidor antropólogo. São Carlos: Ed.UFSCar, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcer**: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas. São Carlos: Tese para Professor Titular/UFSCar, 2019.